

## FOTOGRAFIA ANTIGA

### *A Anselmo Lucena*



Meu amigo Anselmo atravessou uma fotografia antiga de nossa turma concluinte do Ginásio Agrícola de Escada. Caiu no meu e-mail. Uma fotografia desbotada, de mais de quarenta anos. Fiquei alguns minutos redescobrimo meu rosto, redesenhando meu rosto, até me certificar de que aquele adolescente feioso e magricela era eu mesmo. Foi numa excursão comemorativa de conclusão de curso. Estávamos a caminho de Salvador e muitas lembranças me vieram não somente daquela viagem, mas de meu tempo de internato. Foucault dizia que nossa identidade é uma trajetória. Desde aquela época, as marcas do tempo foram atuando no meu corpo e no meu espírito, trocando diversas máscaras da minha personagem.

Tanto que quase não me reconheci na foto. Reconheci Aldemir, Antônio Eurico (Toinho Vaqueiro), Ivson, Zé Antônio (Ombreira), Anselmo, que me enviou a foto, Edilson Marques (Galo), Fefeu\*, Borba, Júlio Morais, José Geraldo (Massa Bruta), Dionísio (Javali), Marcos Bestão, Jaime Buldogue\*, Cafuzo, Manoel Flávio (Gata Beba), Mirobaldo, Mané Guedeba, Luisinho (Padre Lara), Tripé e outros alunos... Nomes e apelidos que fui esquecendo no decorrer dos anos, e nunca esqueci... João Agripino\*, 'Velho Agripino', como era chamado pelo nosso professor de Português, Padre Melo\*, faleceu antes da conclusão do curso.

O internato foi a minha primeira solidão. Apesar dos quase duzentos alunos circulando pelas salas de aula, pelos corredores, pelo pátio central do colégio, me sentia prisioneiro. Demorei a me acostumar longe da família, a crescer longe da família, a entender a substituição da Família pelo Estado, a entender o significado do meu lugar no mundo. Até hoje procuro. Atualmente, em qualquer lugar que eu visito, quando saio, à noite, quando vejo uma janela basculante, e havia muitas no internato, logo me vem à cabeça a ideia de fuga... Vivemos escapando, me escreveu o amigo Wilson Vieira. Como vivi uma vida de tentativas, uma boa parte dela foi de tentativas de fugas...

Nossa excursão foi mais uma aventura do que uma viagem de turismo. Fomos num velho ônibus da Caio Norte. Cadeiras com encostos tubulares, sem nenhuma condição de conforto. Alguns, mais corajosos, se deitavam no corredor do veículo, quando queriam dormir. O carro tremia o tempo todo. Uma verdadeira maratona para os ossos e para os músculos. Para os

primeiros momentos da viagem, o colégio disponibilizou uma caixa de frutas, com frango assado, arroz e farofa. Foi colocada no último banco do carro. Não me lembro de ter me utilizado da mordomia. Apenas um incidente na viagem: no interior de Sergipe, alguém atirou uma pedra na janela do motorista. O ônibus parou, alguns alunos desceram e não viram ninguém. Continuamos a viagem.

Nessa excursão, nossa primeira parada foi em Satuba, interior de Alagoas, e que também possuía um colégio agrícola. Depois, em Rosário do Catete, cidadezinha de Sergipe. Paramos para deixar Mirobaldo, colega de turma, que não quis continuar a viagem. Seguimos viagem até Quissamã, também no interior de Sergipe, e dormimos em Catu, cidadezinha petrolífera, pertinho de Salvador. A cidade deve ter crescido, como nós. Quando estivemos em Catu, os baianos ficaram rindo de nossas calças de cano curto e nos chamavam de “paraíbas”. Eles usavam calças boca de sino e camisas coloridas. Somente por isso se achavam a cem anos na nossa frente. Talvez Caetano, Gil, Gal, Maria Betânia, Tom Zé e alguns outros da época, sim!... Ídolos que começavam a fazer parte do meu acervo musical. Os alunos baianos, tirando o vestuário, pareciam conosco. Nessas duas últimas cidades também funcionavam colégios agrícolas como o nosso, sustentados pelo governo Médici.

Não tínhamos conhecimento da ditadura militar; pelo menos, não me lembro de algum aluno politizado ou de conversas sobre questões políticas entre nós. Eu entrei no internato com doze anos. Raramente eu escutava os mais velhos conversando. E o pouco que eu ouvi não dava para tomar conhecimento da dimensão da coisa. Vivíamos isolados no Ginásio Agrícola de Escada: estudar, plantar, comer, dormir e, nas horas vagas, jogar bola, bater um dominó ou jogar cartas. Esconderam-nos ali.

Algumas pessoas que sobreviveram a algum episódio marcante, não gostam de rever coisas do passado. Às vezes, elas vêm acompanhadas de assombrações. Eu, no entanto, fiquei feliz com a lembrança do amigo e a recordação de uma época inesquecível, embora perdida para a realidade encoberta. 1971. Saíamos do ginásio com algum conhecimento e pouca experiência sobre a vida que corria lá fora. Foi um treinamento importante, porém, hoje, precisaria de um motivo extraordinário para colocar meu neto num colégio interno.

Quando voltamos de Salvador, cada um seguiu o seu destino. Alguns estudaram comigo em Barreiros/PE, também em regime de internato. Ali, em Escada, apesar das dificuldades, foi uma época divertida, lembrada agora numa fotografia antiga, que nos marcou e, verdadeiramente, marcará a quem sobreviveu. Para o resto de nossas vidas caminharemos com as marcas do tempo em nosso físico e, também, na nossa alma... A foto, esta se apagará, um dia, como nós...

JOCA DE OLIVEIRA

\*Nomes e apelidos dos alunos falecidos, e do Padre Melo, também falecido. Em memória deles, dedico este texto.